

OS PROBLEMAS PROFISSIONAIS DO SOCIÓLOGO E DO CIENTISTA SOCIAL

Renato Jardim Moreira

Os problemas profissionais do sociólogo, a serem abordados nesta comunicação, não abrangem os dos especialistas que exercem atividades docentes, quer no magistério secundário, quer no superior. Além disso, não serão objeto de análise os problemas que aparecem no exercício de atividades demasiadamente afastadas do objetivo de formar pesquisadores dos cursos de Ciências Sociais das nossas Faculdades de Filosofia e Escolas de Sociologia e Política. Assim, estarão fora de nossas cogitações atividades cujo exercício não dependa diretamente da realização do curso de ciências sociais, embora esse curso possa criar condições favoráveis para exercê-las, como é o caso de cargos nos setores de vendas, publicidade, relações humanas, seleção e treinamento de pessoal, etc.

Feita por exclusão uma primeira delimitação do campo, pode-se dizer que serão objeto desta comunicação os problemas profissionais do sociólogo que se dedica à realização de estudos e investigações, quer trabalhando para instituições científicas e serviços de pesquisa oficiais e para-oficiais, quer na condição de empregado de empresas industriais, comerciais e de serviços.

O TRABALHO PARA INSTITUIÇÕES E SERVIÇOS

Embora havendo uma grande variedade de tipos de instituições e de serviços, serão analisadas, especialmente, pela importância para o país, pelo vulto que já assumem e pela tendência a se desenvolverem ainda mais no futuro, as condições de trabalho nas agências onde se realizam pesquisas cujos resultados devem servir ao planejamento de interven

ções na realidade social. Essas agências que se estabeleceram na última década, vêm titubeando, na organização do trabalho científico, entre a adoção dos padrões vigentes na Universidade, marcados com o prestígio dessa instituição, e a busca de novos padrões que sejam mais condizentes com os seus fins e possibilidades. A tendência dominante, no momento, é a da transferência pura e simples dos padrões já estabelecidos. Ademais, mesmo nas poucas tentativas de se encontrar novas soluções, os padrões acadêmicos continuaram presentes, como uma espécie de super-ego, atuando de um modo, às vezes difícil de perceber, mas, sempre eficiente na organização das atividades de pesquisa. Em consequência, nas instituições e serviços mantêm-se os critérios de seleção de pessoal e avaliação de produção científica vigentes na Universidade.

Lembrando-se que são relativamente ^{estáveis} fixos os quadros de pessoal de uma cadeira ^e que vem crescendo constantemente o número de alunos, que terminam o Curso de Ciências Sociais com habilitações próprias para a realização de uma carreira acadêmica e que as instituições e serviços, por uma série de razões, dependem da Universidade, quando menos, em matéria de orientação, pode-se compreender como estas agências acabam por se constituírem no campo onde vai se processar uma seleção prévia de pessoal para o magistério superior.

À medida em que se abram oportunidades, a Universidade vai observando os pesquisadores que estão se salientando. No caso das instituições e serviços que, não tendo quadro próprio, operam no regime de contratos para a realização de determinados projetos de pesquisa, aproveitando especialistas da Universidade para dirigi-los, aquele caráter de "atividade de espera" ainda é mais acentuado.

O quadro apresentado mostra que as condições de trabalho do sociólogo não são nada favoráveis. Os que conseguem integrar-se na vida acadêmica, passando bem por esse verdadeiro período de provas, vêm em

se período como uma época infeliz, na qual se dedicaram a uma espécie de atividade com menor dignidade intelectual. Enquanto vivem esse período, sentem-se como uma espécie de marginais que não estão fazendo nada: nem se dedicam a uma carreira, nem se preparam para ela. Esperam. Mas esperam numa espécie de desvio e, o que mais agrava a situação, de um desvio do qual podem não sair. Aguardam com os olhos voltados para a Universidade, tomando os que nela trabalham e sua produção intelectual como os modelos que não podem realizar porque as exigências de trabalho numa instituição de pesquisa ou numa equipe que está cumprindo um contrato, são de natureza diferente. Há, entre os que se encontram nessa situação, um elemento que costuma ser apontado como causa das insatisfações que ela gera: é o salário baixo, geralmente bem inferiores aos pagos pela Universidade. Mas isto, embora contribua para tornar insatisfatórias as condições de trabalho, deve ser considerado antes uma racionalização do que um fator atuante de relevância.

O TRABALHO PARA EMPRESAS

O aproveitamento dos resultados de investigações pela indústria e o comércio é bastante recente. Entre os fatores imediatos que levaram as empresas a se interessarem por pesquisas podem ser lembrados o acirramento da concorrência entre as indústrias para a conquista de consumidores para seus produtos, o crescimento da complexidade do mercado interno onde constantemente aparecem consumidores com características novas e a importância assumida pela propaganda para dar conhecimento ao consumidor potencial de novos serviços, produtos ou marcas com seus respectivos usos e vantagens. Num regime de concorrência entre empresas cujas vendas dependem da preferência do público pelos seus produtos, o empreendedor não pode mais basear suas decisões em experiência pessoal pois tem que levar em consideração não só fatos e situações com os

quais uma pessoa nunca deparou ao longo de sua vida devido à complexidade da vida social como, também, fatos e situações inéditas que só podem ser pressentidas em certas tendências de desenvolvimento cujas manifestações ainda não se fizeram sentir.

Ao lado dessas condições econômicas e sociais, há dois outros fatos a considerar que favoreceram a introdução da pesquisa social no mundo de negócios. O primeiro fato é a tradição de usar pesquisa existente em algumas organizações de origem americana que vêm operando há anos em mercados de massa altamente competitivos. O segundo fato, decorre da importância da propaganda para a venda em mercados de massa e se refere, especialmente, aos métodos de trabalho das empresas especializadas nesse mister. Pela sua dependência estreita das reações do público, as agências de propaganda, já na década de 30, nos Estados Unidos, aproximaram-se de cientistas sociais e o sucesso dessa associação, em poucos anos, transformou em rotina de trabalho o uso de pesquisas para esclarecer os mecanismos de formação de novos e mudança de antigos hábitos, e de criação de predisposições de compra de uma determinada marca.

Assim, quando se acirrou a concorrência depois da última guerra, as agências de propaganda, a maioria de origem americana tornaram-se, também no Brasil, um forte incentivador do uso de pesquisa como um instrumento eficiente para a orientação da política de vendas ao grande público.

As considerações que vêm sendo feitas sugerem que o departamento de vendas de uma empresa é o principal interessado em usar dados fornecidos pela pesquisa. Nem sempre isso é verdade pois num tipo de mercado em que ir de encontro às preferências do consumidor representa, talvez, o mais importante passo para o sucesso de um produto, muitas vezes é necessário que se conheça primeiro as expectativas das pessoas a que se destina o artigo para, em seguida, estabelecer seus característicos, e, só, então, traçar os planos de produção. Apesar de casos co

no êsse em que a pesquisa dá elementos para o planejamento da produção, via de regra, o departamento de pesquisa é parte ou funciona ao lado do setor de vendas de empresas industriais cujos produtos se destinam ao grande público.

Os departamentos de pesquisa assumem formas que variam entre dois extremos: num dêles, é uma verdadeira organização montada para a realização de pesquisas, com pessoal e equipamento próprios; no outro, não passa de uma simples acessoria. Neste último caso, a realização de pesquisas é contratada com empresas especializadas, das quais se fala rá mais adiante.

Nos departamentos que executam pesquisa a atividade do sociólogo vai desde a responsabilidade pelos serviços de escritório até a da análise dos dados e apresentação dos resultados, passando pela orientação e controle do trabalho de campo. É bem o tipo de trabalho de um pesquisador. Além disso, há uma outra parte do seu trabalho que é aces sorar a administração em assuntos que possam ser esclarecidos pela ex periência de um homem de pesquisa.

Nos departamentos que contrafiam pesquisa fora, o sociólogo tem praticamente, apenas, a função de acessor. Acrescenterme neste caso, uma outra função que ganha grande importância nos departamentos dêste tipo: a de colocar o problema de pesquisa do administrador nos têrmos do es pecialista que vai realizá-la e a de, tendo em mãos os resultados da pesquisa, traduzi-las para os têrmos do administrador. Esta função, em bora não pareça, é bastante delicada pois muitas vêzes, por fôrça das circunstâncias, o sociólogo acaba fazendo o papel do administrador, na medida em que lhe cabe selecionar, tendo em vista a orientação geral da empresa, os elementos relevantes que a pesquisa fornece para uma deter minada decisão.

Resta falar das organizações especializadas na realização de pesquisas. Nelas há uma maior diferenciação na atividade de pesquisa ,

mas, em geral, cabe ao cientista social, apenas, a função que vem sendo chamada de analista. Como o próprio nome indica, é o profissional que analisa os dados e elabora a apresentação dos resultados de uma pesquisa. Sua função é, de fato, muito mais ampla pois participa das de mais fases da pesquisa, algumas vezes controlando, outras orientando a execução das várias tarefas nelas envolvidas. Particularmente não tem função executiva ou administrativa, quer durante o trabalho de campo quer por ocasião da tabulação de dados, justamente as fases que costumam absorver o maior volume de trabalho exigido pelas pesquisas que são mais frequentemente realizadas.

O principal motivo para essa limitação do campo de atuação do sociólogo, excluindo-o de atividades para as quais foi, pelo menos em tese, especialmente treinado e que ele é quase sempre um funcionário em re e por isso tem que render o máximo numa função em que é dificilmente substituível..

Colabora também para essa limitação a própria formação escolar do sociólogo, durante a qual o estudante recebe uma informação rica sô bre teorias e métodos e técnicas de pesquisa mas não passa por um trei namento formal e intenso na aplicação dos últimos. Junta-se a isso a atração pelo jogo com idéias ou palavras tão presente na obra dos pre cursores da sociologia entre nós, e se compreenderá que o jovem sociólogo assumirá uma atitude crítica sobre toda e qualquer pesquisa, todo e qualquer planejamento, e não aceita, como suas, tarefas que se lhe apresentam como menos nobres na realização de uma pesquisa. Aliás, a des qualificação aos olhos do sociólogo, de certas tarefas como a realização de entrevistas, a supervisão do trabalho de campo e a apresentação meramente descritiva de dados também é fomentada pela organização da empresa de pesquisa que leva ao aproveitamento de pessoas sem formação específica para o exercício daquelas funções.

A análise das atividades do sociólogo nos departamentos de pesquisa de grandes organizações e nas empresas de pesquisa mostra que não há, da mesma forma que nas instituições científicas, uma carreira profissional aberta ao sociólogo, isto é, não há uma sequência de funções que o recém-formado vá exercendo até amadurecer para ocupar as posições que exijam uma longa experiência no campo. O que há, isto sim, são oportunidades profissionais isoladas. Nessas condições, o cientista social que se ajusta às exigências de trabalho nas empresas particulares, superando a falta de experiência, alcança, rapidamente, o ponto mais alto de sua carreira, aquele que só deveria atingir como coroamento de um longo período de atividade. Atingindo cedo uma posição privilegiada, mas também cedo sem horizontes dentro de sua carreira, o sociólogo profissional, para almejar funções mais altas, para a visar cargos de direção os quais, normalmente, deveriam ser preenchidos por outro tipo de especialista ou por pessoas que estão fazendo carreira na administração. Alguns dos nossos mais bem sucedidos homens de pesquisa de mercado já passaram para a alta administração de empresas comerciais e outros vivem sendo tentados pela idéia. Já há, portanto, um início de bandeamento profissional, sem que ^{se} tenha, sequer, se cristalizado uma carreira.

CONCLUSÃO

O aumento de interesse pelos cursos de ciências sociais, as limitações existentes para a expansão dos quadros acadêmicos e a inexistência de uma carreira profissional para o sociólogo indicam que se está aproximando de um ponto crítico nas oportunidades de trabalho para o cientista social, no Brasil. Urge que se force a criação da carreira de sociólogo, cuja viabilidade se pode pressentir também, em manifestações como a tentativa que sendo feita de regulamentar essa profissão. Mas de nada adiantará uma regulamentação legal, se não forem, antes, sa

tisfeitas certas condições, necessárias para se criar efetivamente a carreira de sociólogo profissional.

A primeira dessas condições é dar maior ênfase, nos cursos de ciências sociais, ao treinamento em pesquisa. Dar um treinamento que ensine o formado, mais do que falar em métodos e técnicas, a aplicá-los efetivamente. Mas não bastará esse treinamento, será necessário que se introduza ~~nos~~ cursos, aulas e seminários que dêem informação, a mais completa possível, sobre dados disponíveis, tanto os de fontes oficiais como os de pesquisas de rotina realizadas por empresas de pesquisas. Ao lado da informação, será imprescindível ministrar um treinamento específico na manipulação desses dados. A familiaridade com esse tipo de dados é necessária porque são eles que fornecem o quadro de referência para a realização de uma pesquisa.

A outra condição é um trabalho pedagógico que a Universidade precisa se dispor a fazer, de um modo sistemático, junto aos homens de empresa para esclarecê-los a respeito das habilidades e possibilidades do sociólogo e das funções que esse especialista pode exercer numa organização comercial, industrial ou de serviços. Funções exercidas muitas vezes por elementos improvisados, quando para elas não se traz um técnico estrangeiro.

A insistência na necessidade de se tornar mais prático o ensino de ciências sociais não implica, de forma alguma, na idéia de que se pode restringir a informação teórica. Na verdade, é a formação teórica que, até o momento, vem permitindo aos poucos sociólogos profissionais superarem-se, suprindo a experiência que a falta de uma carreira não lhes permitiu adquirir.

Mas, mesmo no aspecto da formação teórica, há o que propor para dotar o futuro sociólogo de instrumentos para o seu desempenho profissional. É a necessidade de se realizar um esforço, em todos os cursos

de ciências sociais, para se elaborar modelos de reconstrução da realidade social, que tomem como referência empírica a sociedade brasileira do presente.